

Narrativas e identidades como performance para além da metáfora do teatro

Tiago Pellin

Resumo: A presença das narrativas nas mais diversas dimensões da ação humana fazem delas um poderoso instrumento metodológico em pesquisas que buscam compreender a complexidade da vida social. Esse artigo tem como objetivo fazer uma reflexão teórica acerca da contribuição dos estudos sobre performance à utilização das narrativas enquanto instrumentos de geração de dados nas pesquisas sobre identidades. Para tanto, parte das contribuições de Austin (1962) e sua teorização dos enunciados performativos para discutir os ganhos em se pensar as identidades sociais e as narrativas sob a ótica da performance. Esse entendimento rompe com uma visão puramente descritiva do mundo ao destacar o aspecto constitutivo do discurso, sendo de grande interesse aos estudos que partem da linguagem para compreender fenômenos sociais complexos.

Palavras-chave: Narrativas, Identidades, Performance, Linguagem.

Introdução

“We are all narrators, though we may rarely be aware of it”¹
H. Portter Abbott

Narrar faz parte de nossas vidas cotidianas. O ato de contar histórias é algo tão inerente ao uso que fazemos da língua que, como aponta Abbott (2002), alguns teóricos chegam a incluir a própria narrativa, ao lado da linguagem, como uma das características que nos diferenciam enquanto seres humanos. Consequentemente, este tem sido um importante instrumento de geração de dados utilizado por pesquisas em diferentes áreas do conhecimento. Como as narrativas estão presentes nas mais diversas instâncias da ação humana, estudá-las se tornou uma maneira de compreender a vida em sociedade, já que, como ressalta Bastos (2005, p. 74),

Professor de Língua Inglesa do Instituto Federal de São Paulo, Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com pesquisas nas áreas de ensino/ aprendizagem de línguas, multiletramentos, identidades e análise do discurso.

¹ Somos todos narradores, embora raramente nos demos conta disso.

“nessa atividade de narrar, não apenas transmitimos o sentido de quem somos, mas também construímos relações com os outros e com o mundo que nos cerca”.

Na década de 1980 se dá o que alguns autores chamam de “virada narrativa”, que diz respeito a uma mudança de paradigma científico que questiona a pertinência de metodologias de caráter mais quantitativa para o estudo de fenômenos sociais. Conseqüentemente, cresce entre as diferentes disciplinas das Ciências Sociais (entre elas a Antropologia, a Psicologia Social, a História, a Sociolinguística, a Educação) o interesse pelas narrativas enquanto metodologia de pesquisa. De acordo com Bastos (2005, p. 75), a narrativa passa a ser vista como “o elemento centralizador numa abordagem mais humanística do estudo dos indivíduos, grupos e comunidades”.

Thornborrow e Coates (2005) fazem uma ressalva de que embora haja, na atualidade, uma série de disciplinas acadêmicas que trabalham com narrativas devido à tomada de consciência da importância das mesmas no processo de fabricação das interações sociais, não há uma compreensão comum de narrativa com a qual todas as disciplinas trabalham. Pelo contrário, cada área tem desenvolvido sua própria perspectiva com base em pressupostos teóricos específicos.

Neste artigo, segue-se uma corrente analítica que, ao dar especial atenção às histórias contadas em contextos de entrevistas, reconhece “a importância da narrativa como um modo através do qual cada indivíduo expressa seu entendimento sobre eventos e experiências” (MISHLER, 1986, p. 68). De acordo com Mishler (1986), tal foco de análise contrasta com uma corrente mais tradicional que, ao analisar as respostas dadas pelos sujeitos em diversos tipos de entrevistas, desconsidera justamente as narrativas, vistas como divagações. Tem-se aí, portanto, uma mudança de paradigma que tem importantes implicações para a metodologia de pesquisa.

Barcelos (2006) aponta que, na Linguística Aplicada, as pesquisas sobre o processo de ensino-aprendizagem têm seguido essa tendência, tendo crescido o uso de narrativas e histórias de vida como instrumentos de geração de dados. Para a autora, isso se deve ao fato de que tais unidades discursivas permitem que os sujeitos reflitam sobre suas experiências e crenças e se tornem mais conscientes das mesmas. Segundo Barcelos (2006, p. 148), as narrativas e histórias de vida “são os referenciais através dos quais refletimos sobre nossas experiências e as

reconstruímos baseados em novas percepções e experiências”, sendo o caráter reflexivo das narrativas o fator que possibilita seu uso na análise dos sentidos que circulam em determinada cultura.

Ainda no campo da Linguística Aplicada, os estudos sobre identidades têm utilizado diferentes tipos de narrativas (biografias, histórias de vida, histórias orais²) como instrumentos metodológicos. Como explica Coimbra (2003, p. 215), durante as interações sociais diárias nas quais nos engajamos, construímos nossas identidades sociais discursivamente através das histórias que narramos. Isso quer dizer que “quando os agentes sociais tentam se organizar socialmente, por meio das histórias que contam e ouvem durante as interações sociais, suas identidades sociais (...) são construídas”. Daí o protagonismo que as narrativas assumem nas pesquisas que buscam compreender os processos pelos quais construímos e reafirmamos nossas identidades nos mais diversos contextos.

Este artigo tem como objetivo fazer uma reflexão teórica acerca da contribuição dos estudos sobre performance à utilização das narrativas como instrumentos de geração de dados nas pesquisas sobre identidades. Para tanto, faz um breve panorama de como o conceito de performance vem sendo entendido nos estudos da linguagem e das identidades, para então discutir as características que as narrativas assumem quando vistas enquanto performances linguísticas. Será possível perceber que, nesse caso, as histórias que narramos deixam de ser vistas como a simples descrição de eventos ocorridos e passam a ser entendidas como o meio através do qual construímos o mundo e os sujeitos sobre quem narramos. Tanto língua e identidades são, portanto, vistas como fruto das nossas performances narrativas ao invés de estarem já prontas. Por fim, destacam-se algumas implicações éticas que tal visão acarreta para pesquisas no campo da linguagem.

Performance e Língua(gem)

Em seu trabalho seminal *Quando dizer é fazer: palavras em ação*, Austin (1962) chama atenção para alguns enunciados que, apesar de parecerem declarações, quando observados mais atentamente, apresentam algumas características particulares, tais como a impossibilidade

² Para uma definição e diferenciação entre biografias, histórias de vida e histórias orais como instrumentos de pesquisa, ver Silva (2002).

de de dizer se tais enunciados são ‘verdadeiros’ ou ‘falsos’, característica essa que é particular das declarações. A tais enunciados Austin (1962/ 1990, p. 29) deu o nome de “performatórios” ou “performativos”. Trata-se de “casos e sentidos em que *dizer* algo é [respeitando-se algumas condições textuais e contextuais básicas] *fazer* algo; ou que *por* dizermos, ou *ao* dizermos algo estamos fazendo algo”, ao invés de apenas relatar ou declarar algo (grifos do autor).

Conforme explica Schiffrin (1994), Austin (1962) inicialmente distingue os enunciados constatativos, que podem ser julgados segundo seu caráter de verdade ou falsidade, dos enunciados performativos, que entendidos como ações, não são julgados como falsos ou verdadeiros, mas sim como ações bem-sucedidas ou malogradas. Além disso, os enunciados performativos possuíam, para Austin, uma estrutura gramatical específica que os caracterizavam enquanto ação. No entanto, tal distinção começa a ruir quando este autor percebe que ambos os enunciados em questão envolvem julgamentos de verdade e falsidade e podem ser considerados bem-sucedidos ou malogrados em relação às condições nas quais ocorrem. Além disso, tanto constatativos como performativos podem ser formulados em uma variedade de estruturas gramaticais, de forma que, segundo Schiffrin (1994, p. 53), “não podemos encontrar nem condições contextuais, nem textuais que embasem a distinção constatativo – performativo”. Consequentemente, mais tarde o próprio Austin reformularia sua teoria para sugerir que todo enunciado é, em alguma medida, performativo.

Apesar das implicações que o conceito de performance suscita quando utilizado para pensar a língua(gem), Pennycook (2007) afirma que os estudos linguísticos em geral não têm dado devida atenção às teorizações sobre performance. Herdeiros das distinções clássicas propostas por Saussure entre *langue X parole* e por Chomsky entre *competência X desempenho*, os estudos linguísticos possuem uma tradição de valorizar a língua enquanto sistema/ estrutura abstrata, desconsiderando seu uso, que seria irregular, vicioso e, portanto, não passível de produzir conhecimento científico.

Por outro lado, quando se adota a perspectiva austiniana de que todo enunciado é, em alguma medida, performativo, se começa a pensar na língua como performance, ou seja, como um produto de atos performativos. Entendendo a língua como um *produto da* performance e não *anterior à* performance, passa-se a compreender que a estrutura da língua não pré-existe ao uso que se faz dela. E o que dá sentido à performance não é, como pontua Pennycook

(2007, p. 60), uma competência individual, mas um “amplo conjunto de forças sociais, culturais e discursivas”. Além disso, passa-se a compreender que, apesar de agirmos no mundo social com sentidos já dados, tais sentidos podem ser re-configurados e transformados através de seu uso, ou seja, através da performance.

Silva (2000) explica ainda que a teorização proposta por Austin (1962) sugere que a linguagem não se limita à descrição do mundo, mas antes, age sobre esse mundo e faz com que algo se realize. Nas palavras de Pennycook (2007, p. 66), a linguagem “produz as condições que ela descreve”, isto é, *constrói* os sujeitos e os mundos dos quais fala. Nessa visão, o discurso, entendido como prática/ ação social, assume um papel constitutivo do mundo e dos sujeitos ao invés de descrição de uma “realidade pré-discursiva”.

Trazendo essa linha de pensamento para os estudos sobre identidades, Silva (2000, p. 93) afirma que ao elencar algumas características de determinados grupos identitários não estamos apenas descrevendo-os. Segundo esse autor, “aquilo que dizemos faz parte de uma rede mais ampla de atos linguísticos que, em seu conjunto, contribui para definir ou reforçar a identidade que supostamente apenas estamos descrevendo”. Ou seja, a língua ou o discurso atuam na própria constituição de quem somos.

A associação entre identidades e performances por vezes pode, ao se apoiar em um entendimento de performance como encenação/ atuação, evocar um entendimento de que somos livres para “performar” a identidade que quisermos a qualquer tempo, o que não é o que se defende aqui. Sendo assim, procura-se esclarecer a seguir o entendimento de performance que está sendo utilizado neste artigo, bem como os ganhos que traz para teorizações acerca das identidades sociais.

Performance e identidades: para além da metáfora do teatro

Do que exatamente se trata o conceito de performance? Carlson (2009) aponta para a polissemia de tal conceito, visto que tem crescido, nos últimos anos, a quantidade e variedade de disciplinas e correntes teóricas que se utilizam da ideia de performance para analisar e

compreender diferentes atividades humanas. Consequentemente, a performance deixa de ser vista apenas como uma espécie de habilidade artística e passa a ser utilizada como instrumental teórico-analítico por diferentes áreas do conhecimento³. Nas palavras de Carlson (2009, p. 17), “com a performance como uma espécie de suporte crítico, a metáfora da teatralidade extrapolou o campo das artes, em direção a quase todos os aspectos das tentativas modernas de compreender nossa condição e nossas atividades, por quase todos os ramos das ciências humanas”.

Striff (2003, p. 1) oferece algum direcionamento no entendimento das performances ao sugerir que tal conceito faz referência à maneira “como representamos a nós mesmos e como repetimos tais representações na vida cotidiana”. Apesar do forte sentido teatral, alguns cuidados devem ser tomados com relação à compreensão da performance a partir da metáfora do teatro, já que esse é apenas um dos entendimentos possíveis. Não se pode pensar, principalmente devido ao uso do termo “representação”, que durante a performance estamos envolvidos apenas com a simples repetição de ações, como se seguissemos um *script* pré-dado do qual não pudéssemos escapar. Antes, parece ser mais produtivo pensar nas nossas performances diárias como encenações que, mesmo fazendo uso de *scripts* que nos dão algumas pistas de como agir, podem (ou devem?) incorporar “improvisos”. É nesse sentido que Striff (2003, p. 5) sugere que a “performance privilegia o cruzamento de limites, a mudança de formas, as figuras que violam fronteiras, (...) o transformativo ao normativo, o móvel ao estático”.

Neste ponto, dois conceitos trazidos por Pennycook (2007) podem ser úteis na tentativa de entender o caráter inovador das performances. Trata-se das noções de *performativo* e *performatividade*. Os “*scripts*” aludidos anteriormente como uma espécie de guia dizem respeito aos sentidos (sobre o que é ser professor(a), aluno(a), homem, mulher, brasileiro(a), por exemplo) que já temos disponibilizados em nossas culturas e com os quais temos necessariamente que lidar para agir no mundo social, de forma que devemos ser cautelosos para não tomar as identidades sociais em termos de livre escolha. No entanto, apesar de os sentidos já estarem dados, estes podem ser re-configurados e adquirir novas significações durante a performance.

³ Para um histórico do conceito de performance e um panorama sobre como este vem sendo apropriado por diferentes áreas das ciências sociais e das artes, ver Carlson (2009).

Nesse contexto, ganham relevância os conceitos aludidos há pouco. Conforme explica Pennycook (2007, p. 76), o conceito de *performativo* dá conta do aspecto de repetição dos sentidos na performance, enquanto que a *performatividade* abre espaço para a inovação e transformação de sentidos. Assim, estes conceitos fornecem, de acordo com este autor, “maneiras de entender a renovação do ‘eu’ para além da noção de originalidade [já que partimos de sentidos já dados] e de mímica [já que há a possibilidade de inovação]”.

Partindo desse ponto de vista, as teorizações sobre performance podem oferecer grandes possibilidades de se pensar as identidades de uma maneira não-essencialista, fugindo da ideia de identidades fixas e entendendo-as como estando em contínuo processo performativo de construção, (re)afirmação e (re)invenção. Quando Striff (2003, p. 1) afirma que a performance diz respeito à “adoção consciente e inconsciente de papéis que assumimos durante nossas vidas cotidianas dependendo da nossa companhia e de onde nos localizamos no tempo”, esta autora está ressaltando o caráter contingente das performances e, conseqüentemente, das identidades sociais que evocamos durante nossos atos performativos. Pode-se então concordar com Silva (2000, p. 92) que argumenta que “o conceito de performatividade desloca a ênfase na identidade como descrição, como aquilo que é (...) para a ideia de ‘tornar-se’, para uma concepção da identidade como movimento e transformação”. A identidade deixa de ser a expressão externa de alguma essência interna do sujeito ou de algum traço de sua anatomofisiologia para ser o resultado de nossas ações no dia-a-dia.

Essa perspectiva abre ainda novos caminhos para pensar a relação entre a linguagem e as identidades sociais. Como mostra Pennycook (2007, pp. 70-1), as discussões sobre performance “ênfaticam a força produtiva da linguagem na constituição da identidade ao invés de tomar a identidade como um construto pré-dado que é refletido no uso da linguagem”. Nesse sentido, se poderia pensar em como construímos nossas identidades com a linguagem.

Um traço importante que a identidade vista como performance adquire é a necessidade de sua incessante repetição para que tal performance tenha efeito sobre os sujeitos e seja reconhecida e validada por sua audiência. É a repetição incessante de certas performances que cristaliza alguns sentidos ao ponto de adquirirem um ar de naturalidade. No caso das identidades, a ideia de coerência e de unidade que lhes é conferido é fruto da repetição, da recontagem de determinadas narrativas em momentos e contextos diversos.

Esta necessidade de constante repetição remete ao caráter forjado da performance, de maneira que Pennycook (2007, p. 61) afirma que “performar é se engajar em comportamento linguístico (...) que não é natural” (no sentido de fazer parte de uma essência), o que endossa o posicionamento defendido nesse artigo contrário a uma visão essencialista das identidades. E se alguns sentidos acabam ganhando a aparência de “ser”, isto se deve à repetição das performances que acabam cristalizando tais sentidos em nossa cultura, chegando ao ponto de muitas vezes nos esquecermos da natureza fabricada das identidades.

Mesmo considerando que a performance atinge sua força através de sua repetição, é preciso considerar também que, segundo Silva (2000, p. 95), essa repetição pode ser interrompida e contestada, de forma que “é nessa interrupção que residem as possibilidades de instauração de identidades que não representem simplesmente a reprodução das relações de poder existentes”. Daí ser possível concluir que as ideias de repetição e improviso, performativo e performatividade, poder e resistência, devem sempre ser vistas de maneira relacional.

Outra característica crucial da performance é a preocupação com a audiência. Coupland, Garret e Willians (2005, p. 69) explicam que as performances são sempre “*pelas* audiências e não apenas *para* audiências” (grifos dos autores), ainda que essa audiência possa ser o próprio sujeito. Essa característica dá conta da natureza relacional das performances, de forma que seu sucesso depende da avaliação e ratificação da audiência. Nesse sentido, Striff (2003, p. 8) explica que a audiência é vista sob uma perspectiva bastante ativa ao invés de ser responsável apenas por uma decodificação passiva da performance. Para esta autora, “a ‘audiência’ é convidada a operar como cocriadora de quaisquer sentidos e experiências que o evento gere”.

Nota-se que a performance evoca, em algum grau, um sentido de consciência e de monitoração. Os sujeitos sabem que suas performances estão sendo avaliadas por uma audiência, de maneira que seus atos performativos são fruto de planejamento em vez de resultado espontâneo de hormônios ou instintos, como uma perspectiva essencialista/ biologizante defenderia. Ainda assim, Liepe-Levinson (2003, p.51) adverte para a impossibilidade de se ter controle sobre todas as impressões causadas nas audiências, uma vez que as trocas entre os sujeitos durante os atos performativos “não são nunca absolutamente monolíticas”. Por outro lado, é jus-

tamente nesta “zona de não-controle” que podem surgir rearranjos nas relações de poder que privilegiem a emergência de novos sentidos sobre performances aparentemente cristalizadas.

Para dar conta das identidades vistas sob essa ótica, é preciso entender as narrativas que contamos sobre o mundo e sobre nós mesmos também como performances linguísticas, como será explorado a seguir.

Narrativas como performance

A visão das narrativas adotada aqui segue, assim como em Threadgold (2005, p. 262), uma perspectiva construcionista, segundo a qual as “histórias, como *performances linguísticas* diárias, são tanto contextualizadas e enquadradas pelos contextos nas quais ocorrem, como contribuem na construção dos contextos institucional e social maiores” (grifo meu). Esta perspectiva está diretamente relacionada ao trabalho de Austin (1962) citado e discutido anteriormente. Como aponta Threadgold (2005, p. 267), as discussões sobre performatividade propostas por Austin chamam atenção para o efeito material que as histórias contadas diariamente nos mais diversos meios sociais exercem sobre os corpos, sobre as crenças, realidades, enfim, sobre as vidas dos sujeitos. Formulado em outras palavras, tal teorização instiga a pensar em como as narrativas “afetam as maneiras pelas quais os corpos são vividos e imaginados, como seres e identidades são construídos nas interações cotidianas, e como estas interações constroem as hegemonias e as regularidades do social”.

Moita Lopes (2002, p. 64) reforça essa visão construcionista das narrativas e as entende enquanto formas de organizar o discurso e de agir no mundo, possuindo importante papel na aprendizagem da construção de nossas identidades. Isso porque, segundo o autor, “as narrativas são instrumentos que usamos para fazer sentido do mundo a nossa volta e, portanto, de quem somos neste mundo”. Além desse papel das narrativas na construção de nossas próprias identidades, Moita Lopes (2002, p. 64) também destaca a sua importância na construção das identidades daqueles com os quais interagimos, uma vez que “as histórias sobre mim mesmo

são igualmente sobre como vejo os outros”. Nesse sentido, ao contar uma história em uma performance narrativa, me posiciono frente aos meus interlocutores e aos personagens da história ao mesmo tempo em que posiciono os meus interlocutores.

Percebe-se que, nessa ótica, o ato de narrar adquire uma força constitutiva de nós mesmos. Como bem apontam Thornborrow e Coates (2005, p. 7), a “narrativa constitui um importante recurso discursivo usado pelos falantes em uma variedade de contextos sociais para realizar muitas ações sociais diferentes” tais como entreter, justificar, explicar, instruir, estabelecer normas sociais, etc. Mas sua função mais importante reside no fato de que as “histórias nos dizem quem somos [e também quem não somos]: elas são centrais às nossas identidades social e cultural”. Consequentemente, Moita Lopes (2006, p. 294) sugere que “as práticas narrativas são espaços cruciais (...) para o estudo dos processos de construção das identidades sociais”.

Além disso, Coupland, Garret e Williams (2005) destacam que a narrativa vista sob a perspectiva da performance ressalta seu caráter reflexivo, o que possibilita que o ato de contar uma história funcione como uma ferramenta para análise de significados culturais da nossa sociedade. Este tipo de reflexão permite, por exemplo, perceber quais histórias valem a pena ser contadas, repetidas e quais são silenciadas em diferentes contextos como a escola, a família, a mídia, etc.

Thornborrow e Coates (2005) se apoiam em Labov (1972) para dizer que uma história precisa ser “contável”, isto é, é preciso que ela tenha um ponto que desperte o interesse de sua audiência, sendo que tal ponto geralmente envolve o desvio de normas. Recorrendo à Bruner (1991), as autoras explicam que existe uma espécie de “script” social que guia nossas ações na vida cotidiana, nos dizendo o que é esperado de nós em cada situação. Para uma história ser “contável”, ela precisa romper de alguma forma com esse “script canônico”, ultrapassando as expectativas do previsível. Por outro lado, outra função das narrativas que contamos é mostrar para nossa audiência que, de alguma forma, fazemos parte de uma comunidade e de uma cultura mais amplas. E é exatamente “esta necessidade de performar a nós mesmos em conformidade com normas culturais ao mesmo tempo em que dizemos (...) alguma coisa em que a ordem normal das coisas é rompida que resulta em uma tensão que faz as histórias serem ‘contáveis’” (THORNBORROW e COATES, 2005, p. 13).

Há que se dizer, como faz Moita Lopes (2002), que a imprevisibilidade da narrativa aludida acima significa que a história, para ser narrada, envolve, a princípio, um evento que é excepcional para quem a conta. No entanto, o interlocutor pode não reconhecer essa excepcionalidade. Ainda assim, a crença na excepcionalidade é mantida como um jogo de interesses entre os interlocutores a fim de garantir o sucesso da performance. Além disso, histórias “já conhecidas” podem ser recontadas na medida em que, conforme Thornborrow e Coates (2005), as narrativas também servem à construção de um sentimento de pertença, ou seja, um sujeito pode ser engajar em uma performance narrativa já aguardada (portanto previsível) com o objetivo de garantir seu reconhecimento como parte de um grupo específico.

Quando se entendem as narrativas como performance sob uma visão construcionista, tem-se que estar atento para uma característica importante que é ressaltada por Bauman (1986, p. 2), segundo o qual as narrativas são duplamente ancoradas em eventos humanos. Isso quer dizer que, conforme explica Moita Lopes (2009, p. 135), “contadores no momento de narrar suas histórias estão não só relatando os eventos de uma narrativa (os eventos narrados), mas estão também envolvidos na performance de quem são na experiência de contar a narrativa (o evento de narrar)”. Como consequência, Moita Lopes (2006, p. 294) aponta que as narrativas, enquanto meio de agir no mundo social através do discurso, constroem identidades sociais específicas tanto no mundo interacional como no mundo da narrativa, ampliando, assim, as dimensões de análise.

Todas as escolhas feitas (escolhas de natureza teórica e metodológica) trazem implicações que precisam estar no horizonte do pesquisador. Dessa forma, serão abordadas agora algumas dessas implicações que os estudos sobre performance fazem emergir, principalmente para aqueles que trabalham na intersecção entre linguagem e identidades.

Implicações éticas das narrativas como performance

O entendimento das narrativas enquanto performances linguísticas levanta uma série de questões de ordem política e, portanto, ética que não podem ser desprezadas. Threadgold (2005) afirma que as narrativas nem sempre foram objeto de estudo das disciplinas acadêmicas. Antes do que alguns autores chamam de ‘virada narrativa’, as histórias eram vistas como

ficção, não sendo, portanto, consideradas científicas. Nesses termos, Threadgold (2005, p. 264) explica que “se a narrativa podia ser relegada ao campo do ficcional, da brincadeira, do primitivo, ela podia ser ignorada, e certos tipos de narrativas poderiam ser silenciados por discursos ‘não-narrativos’ mais poderosos ou até mesmo por narrativas mais poderosas”.

Por outro lado, ao entender, conforme sugere a própria Threadgold (2005, p. 264-5), que as narrativas são atos de fala performativos que “não apenas conotam certos tipos de significados para os pesquisadores mas que também performam identidades e recriam, possibilitam e modificam realidades e normas sociais”, então é preciso questionar sobre “quem tem o poder de nomear, de representar o senso comum, de criar ‘versões oficiais’ e de representar mundos sociais legítimos ao passo que exclui outras histórias que poderiam construir essas coisas de forma bem diferente”⁴.

Esta reflexão fica ainda mais complexa quando se pensa, conforme sugere Moita Lopes (2002, p. 65), que as narrativas são também um modo de legitimar e controlar realidades e atores sociais. Isso leva ao questionamento do porquê de certas narrativas serem contadas em alguns espaços institucionais como a escola, por exemplo, enquanto outras são silenciadas, tendo em mente que “as histórias e o ato de contá-las legitimam certos sentidos e relações de poder em contextos institucionais específicos”.

Surge daí a necessidade de comprometimento com o que Threadgold (2005) chama de uma “política textual”. Trata-se da necessidade de engajamento em um processo de reescritura das grandes narrativas dominantes que legitimam apenas uma forma de vida, causando sofrimento àqueles que não se enquadram ou não fazem parte dessa grande história. Trata-se, ainda, de oferecer pequenas narrativas como alternativas às grandes narrativas, chamando atenção para o caráter situado das nossas performances que podem questionar e ressignificar os sentidos construídos nas grandes histórias. Segundo esta autora, isso significa “tornar visível a parcialidade e os limites das histórias dominantes e oferecer histórias alternativas ou facilitar a narração de outras histórias de maneira a intervir no social para mudar a ideologia dominante ou hegemônica” (p. 264). Como se vê, quando é mencionado aqui uma “política textual”, tal

⁴ Apesar do uso do verbo ‘representar’, não se quer dizer aqui que o papel das narrativas seria o de “refletir”, “traduzir” o mundo empírico através da linguagem/ do discurso. Neste trabalho adota-se um posicionamento construcionista segundo o qual a linguagem/ o discurso e, portanto, as narrativas constroem (e não representam ou refletem) o mundo e os sujeitos dos quais falam.

conceito não se refere a uma política que fica restrita apenas ao campo das ideias. Segue-se o posicionamento de Threadgold (2005, p. 265), para quem uma “política textual” não modifica “apenas” textos, mas pode transformar e re-escrever práticas e corpos de outras maneiras possíveis, lembrando sempre que as narrativas vistas enquanto performances linguísticas possuem efeitos bastante materiais sobre os corpos e as vidas dos sujeitos.

Para vislumbrar a possibilidade desse tipo de “política textual”, faz-se necessário lembrar que os sentidos e assimetrias criados e legitimados em algumas histórias podem ser contestados. Se embasando em Derrida (1982), Threadgold (2005) destaca a iterabilidade do discurso, isto é, a possibilidade do discurso ser citado em diferentes contextos como sendo justamente aquilo que causa instabilidade e a possível mudança de significados. No caso das narrativas, transportar as grandes histórias para contextos locais, modificando seus personagens e cenários, pode ajudar a entrever outras histórias possíveis.

Por fim, a própria ideia de olhar para as narrativas enquanto performances linguísticas cotidianas já auxilia na tarefa de pensar a transformação de sentidos cristalizados na cultura. Certamente que há estruturas e instituições normativas que criam expectativas sobre nossas ações, guiando, por vezes de forma bem rígida, aquilo que fazemos e as histórias que narramos. Ainda assim, “a performance (...) carrega o potencial de re-arranjar a estrutura das relações sociais no interior do evento performativo e, talvez, para além dele” (BAUMAN, 1986, p. 4). Isso significa que as relações de poder que orientam a construção de nossas identidades podem ser questionadas e reposicionadas em outros moldes.

Considerações Finais

Neste artigo procurou-se demonstrar as implicações geradas a partir de uma compreensão das narrativas como performances linguísticas e das identidades como fruto de tais performances com as quais nos engajamos cotidianamente. Quando se assume que ao narrarmos não estamos apenas descrevendo uma realidade já dada, mas construindo essa própria realidade, enfatiza-se uma visão de língua como constitutiva do mundo, isto é, ao usarmos a língua estamos agindo no mundo e fazendo com que algo aconteça. Além disso, o entendimento das narrativas como performances ressalta o caráter refletido e relacional do ato de narrar (quando

contamos uma história, a contamos para uma audiência projetada em relação a qual nos posicionamos), e isso auxilia na compreensão das relações de poder envolvidas no processo de construção das identidades sociais. Por fim, a ideia de performance abre espaço para se pensar em como, na construção discursiva do mundo e dos sujeitos, necessariamente partimos de sentidos já disponibilizados na sociedade, mas nunca estamos fadados a sua mera repetição. A performance, como evento linguístico, traz a possibilidade de reinvenções de significados, para além do que já está dado.

Referências Bibliográficas

ABBOTT, H. P. *The Cambridge introduction to narrative*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

AUSTIN, John L. [1962] *Quando dizer é fazer: palavras em ação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BASTOS, L. C. Contando estórias em contextos espontâneos e institucionais: uma introdução ao estudo da narrativa. *Calidoscópio*. São Leopoldo, v.3, n.2, p.74-87, 2005.

BARCELOS, A. M. F. Narrativas, crenças e experiências de aprender inglês. *Revista Linguagem e Ensino*. Pelotas, v.9, n.2, p. 145 -175, 2006.

BAUMAN, R. *Story, performance and event: contextual studies of oral narratives*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

BRUNER, J. The narrative construction of reality. *Critical Inquiry*. V. 18, n. 1, p. 1-21, 1991.

CARLSON, M. *Performance: uma introdução crítica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

COIMBRA, A. M. Histórias contadas em sala de aula: a construção da identidade social de gênero da mulher. In: MOITA LOPES, L. P. da (Org.). *Discursos de Identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

COUPLAND, N.; GARRET, P.; WILLIAMS, A. Narrative demands, cultural performance and evaluation. In: THORNBORROW, J.; COATES, J. (Orgs.). *The sociolinguistics of narrative*. Amsterdam: John Benjamins, 2005.

DERRIDA, J. *Margins of Philosophy*. Chicago: Chicago University Press, 1982.

LABOV, W. *Language in the inner city: studies in the Black English vernacular*. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972.

LIEPE-LEVINSON, K. Striptease: desire, mimetic jeopardy, and performing spectators. In: STRIFF, E. (Org.). *Performance Studies*. Nova York: Palgrave, 2003.

LINDE, C. *Life Stories: the creation of coherence*. Oxford, Oxford University Press, 1993.

MISHLER, E. *Research Interviewing: context and narrative*. Massachusetts: Harvard University Press, 1986.

MOITA LOPES, L. P. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

MOITA LOPES, L. P. Linguística Aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

MOITA LOPES, L. P. A performance narrativa do jogador Ronaldo como fenômeno sexual em um jornal carioca: multimodalidade, posicionamento e iconicidade. *Revista da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística*. Brasília, v. 2, n. 27, p. 128-157, 2009.

PENNYCOOK, A. *Global Englishes and transcultural flows*. Nova York: Routledge, 2007.

SCHIFFRIN, D. *Approaches to Discourse*. Oxford: Blackwell, 1994.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (Org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SILVA, H. R. K. Considerações e confusões em torno de história oral, história de vida e biografia. *Métis: história e cultura*. Caxias do Sul, v. 1, n. 1, p. 25-38, 2002.

STRIFF, E. Introduction: locating performance studies. In: STRIFF, E. (Org.). *Performance Studies*. Nova York, Palgrave: 2003.

THORNBORROW, J.; COATES, J. The sociolinguistics of narrative: identity, performance, culture. In: THORNBORROW, J.; COATES, J. (Orgs.). *The sociolinguistics of narrative*. Amsterdam: John Benjamins, 2005.

THREADGOLD, T. Performing theories of narrative: theorizing narrative performance. In: THORNBORROW, J.; COATES, J. (Orgs.). *The sociolinguistics of narrative*. Amsterdam: John Benjamins, 2005.

Narratives and identities as performance beyond the metaphor of theater

Abstract: The presence of narratives in a range of human actions make them a powerful methodological tool in researches that aim to comprehend the complexity of social life. The objective of this article is to make a theoretical reflection on the contribution of performance studies to the use of narratives as data generation tools in researches about identities. To do so, it starts with Austin's (1962) contributions and his theory of performative utterances to discuss the benefits in taking social identities and narratives under the performance lens. This understanding breaks away with a purely descriptive vision of the world as it highlights the constitutive aspect of discourse, being of great interest to the studies that use language to understand complex social phenomena.

Keywords: Narratives, Identities, Performance, Language.

Agradecimentos

Agradeço à CAPES pela bolsa de mestrado que permitiu a realização dessa pesquisa.